

IMAGENS SOLTAS

de

jorge peres

As pernas tremiam-lhe como varas verdes. Todo o seu corpo estremeceu como se acabasse de sofrer um choque eléctrico.

Sinceramente, todo aquele dia começara muito azarento. Logo de manhã, acordara bem mais cedo do que pretendia. A noite fora curta e adormecera já sem esperança de que tal viesse a acontecer. E não que fosse divertimento a causa da insónia. Antes fosse ...

Fora jantar com a Sónia, a sua namorada de há já alguns meses, mas as coisas não andavam lá muito bem, e a refeição, que ele esperava apaziguadora, tornara-se um combate verbal dos mais duros travados entre eles ultimamente. O tom de voz subira e acompanhara o desrespeito, e pouco depois de iniciada a sobremesa ele resolvera sair. As coisas estavam a ir longe demais, e por aquele andar ainda podiam terminar mal.

Resolveu então dar um passeio á beira mar. Antes percorreu a marginal numa velocidade lenta, surpreendendo-se com o facto... Normalmente quando se enervava disparava a toda a velocidade, fazendo não raro estremecer o ar com o ruído do potente automóvel. Mas a verdade é que aquela discussão não o fizera alterar como outras anteriores. Quando saíra de casa da Sónia estava sereno, sentindo que precisava estar sozinho, num local calmo... E era isso mesmo que ele procurava.

Atravessou Cascais, seguiu para o Guincho, estacionou do lado esquerdo para quem sobe. Á sua frente o grande, o solitário Oceano Atlântico, cadenciava as suas ondas contra uma areia deserta, e portanto, tão solitária quanto ele.

Afinal ao que chegara a sua vida!... Trinta anos, divorciado, um emprego que se poderia considerar estável, uma casa pequena, mas que chegava e bem para ele, carro

Conhecera Sónia ainda não havia um ano. Bastante mais nova, ela personificava uma imagem de mulher, bem apresentável, daquelas capazes de causar inveja, ás vezes em demasia, em qualquer local público. Inicialmente as coisas funcionaram na perfeição quase completa, mas as diferenças viriam ao de cima um pouco mais tarde, como sempre acontece numa relação. O certo é que ele não conseguiu, ou não soube ultrapassar essas divergências que no princípio pareciam inofensivas.

Sinceramente estava a começar a sentir-se fatigado numa relação em que as coisas só funcionavam na barra horizontal de um leito, fosse o dele ou o dela.

Mas o que lhe acontecera há cerca de duas semanas viria a revelar-se importante, não só na vida dele, como também naquela união já um pouco abalada. E foram essas recordações que o prenderam cerca de duas horas frente à praia e o transportaram a casa sem o mais leve vestígio de sono. Foram esses mesmos factos que lhe ocasionavam os tremores que agora sentia no seu corpo.

Tudo começara naquela tarde em que trabalhara no turno da tarde, saindo de serviço já perto das nove horas da noite. Lisboa preparava-se para receber o Natal de braços abertos, com algumas avenidas já iluminadas, outras em preparação. Aquela hora ainda havia gente esforçando-se por chegar a casa a tempo de ver uma das imensas telenovelas televisivas e o trânsito começava lentamente a voltar à normalidade, depois de mais uma louca hora de ponta.

Direito a Cascais evitava sempre a auto-estrada preferindo ir pela marginal. Todos os dias fazendo aquele caminho a condução tornava-se já mecânica e automática. Circulava na zona de Oeiras quando a sua atenção foi desviada para um clarão que parecia vir da zona exterior da parte urbana. Reduziu a velocidade. Passados alguns segundos voltou a ver aquela claridade. Fez sinal para a direita e saiu da estrada habitual. Os outros condutores, pareceram não se importar ou mesmo não reparar no facto. Mas ele sentiu uma necessidade imperiosa de descobrir a proveniência de tal fonte luminosa.

Atravessou toda Oeiras e quando deu por ele apontava à estrada que sabia ir dar ao Cacém. Da luz ... nem sinal. Se calhar fora impressão sua, pensou, talvez uma ilusão fruto do cansaço de um dia já longo e atarefado. Saiu um pouco para a berma e imobilizou a viatura. Não havia dúvida... quem o mandava ser curioso?!? Olhou em todo o redor... nada, nada de especial, ao longe as luzes de um e de outro lado e ladeando o caminho uma ou outra moradia.

Preparava-se já para inverter o sentido de marcha do seu veículo quando de repente deixou de ver. Foi estranho. Foi ... imenso ... foi tremendo... Como se os holofotes de três estádios da Luz se acendessem de repente mesmo por cima do seu carro. Ficou tudo ofuscado.

Demorou alguns segundos a aperceber-se que tanto o motor do carro, como o rádio, tinham parado. Até as luzes da viatura se tinham apagado, mas, também, com toda aquela central hidroeléctrica quem necessitava de faróis acesos?!?!?

Curiosamente não sentira medo. Apenas um certo desconforto por não conseguir ver nada á sua volta. Depois havia aquela voz, doce, meiga, que lhe dizia insistentemente : “Tem calma. Nada de mal te vai acontecer. Vamos te explicar. Tem calma.”

Mas não havia ninguém. Nem se ouvia qualquer som dentro da viatura. Era uma voz estranha que parecia ecoar directamente dentro da sua cabeça. Tudo pareceu manter-se em suspenso por largos minutos. Depois, tão de repente como tinha aparecido a luz apagou-se. Tudo voltou à escuridão.

Demorou algum tempo a habituar os olhos. Logo voltou a distinguir as luzes dispersas das casas, ao longe. E no vale, bem a uns trezentos metros, estava aquilo ... era estranho ... como que dois pratos de sopa invertidos um sobre o outro, e pousados sob uma espécie de tripé de máquina fotográfica, gigante. Suaves luzes azuladas provinham da parte de baixo do aparelho, enquanto a parte de cima emanava uma vermelho alaranjado.

Era mais forte do que ele. Lera imenso sobre tudo aquilo, mas estava longe de supor que um dia iria ser testemunha de algo idêntico. Saiu do carro e caminhou decididamente em direcção aquilo. O terreno era instável, fazia um jeito alguma daquela luz, pensou. Como se alguém tivesse ouvido saiu do aparelho um jacto luminoso que lhe mostrou perfeitamente o caminho mais fácil para lá chegar. Não havia dúvida. Alguém o estava a encaminhar. Rapidamente chegou junto do tal tripé. Assim visto de perto, parecia maior. Aí uns três metros de altura ... e o aparelho teria bem à vontade uns cinco metros de diâmetro. Ali esteve bastante tempo, pelo menos assim lhe pareceu. O silêncio da noite cobria-o totalmente, e pela primeira vez sentiu frio. Desejou que Sónia estivesse ali. Gostaria de partilhar aquela experiência, única, com ela. Se tivesse a certeza de que aquilo se manteria por ali, arriscava ir buscá-la a S.João e voltar. Mas claro que não iria arriscar. Até porque nada lhe garantia que ela o quisesse acompanhar.

Nisto, o silêncio da noite foi bruscamente interrompido por uma som seco. Uma escotilha foi lentamente baixando, enquanto que de dentro do aparelho apareciam dois vultos. E de novo aquela voz dentro da sua cabeça:

“--- Tem calma. Somos gente de paz. Sabemos que tu também o és.”

Uma das silhuetas fez-lhe sinal para ele subir. Hesitou. Não sem uma rápida reflexão, acabou por pisar a pequena rampa. Ah! Como ele gostaria que Sónia estivesse ali. Com que à vontade entraria naquela coisa levando-a pela mão.

Olhou em redor antes de entrar completamente. A escuridão era total. Lá ao fundo a estrada estava deserta.

Entrar naquela máquina foi como penetrar num sonho radioso. Tudo estava iluminado, com uma luz difusa, diria que indirecta. Mas dizer “tudo” era sem dúvida uma força de expressão. Naquele compartimento não existia coisa alguma, nem uma mesa, nem uma cadeira ... nada ... absolutamente nada. Atras dele fechou-se a porta por onde tinha entrado. Mas nem da porta restavam vestígios. Ou seja, sabia que estava ali porque a vira fechar no instante anterior, mas não havia costura, saliências, nada. E dos vultos que avistara lá debaixo, nem sinal.

“Descontraí! Relaxa!”

Sempre a mesma voz, num português sem qualquer sotaque. Esteve ali, tentando perceber o que seria tudo aquilo, bem à vontade uns vinte minutos. Começava a sentir-se verdadeiramente enfastiado quando se ouviu outro estalido seco. Nas suas costas abriu-se, aparentemente do nada, uma pequena porta. De novo ninguém.

“--- Entra!”

A abertura era verdadeiramente estreita. Teve que passar meio de lado. O que o esperava era algo diferente. Uma sala um pouco maior do que a primeira. A meio continha uma mesa creme, com pequenos bancos dentro dos mesmos tons. As paredes estavam forradas de painéis e instrumentos, cheios de luzes, parecendo enfeites de Natal. Foi olhando em redor. Havia num dos lados um écran grande. Era difícil falar de lados já que a sala era redonda. Os seus olhos continuaram a percorrer a divisão. Foi então que os viu.

“--- Olá! Bem vindo!”

Estava estupefacto. Embora os visse em contra luz a sua silhueta era humana, talvez com a cabeça um pouco mais arredondada, os braços um pouco mais compridos, mas de resto, em tudo semelhantes. Tentou falar, mas a voz parecia não lhe sair. Quisera dizer-lhes : “ Olá! È um prazer!”. Mas não saiu som nenhum.

“--- Não te esforces. Limita-te a pensar. Nós entendemos. Lemos o teu pensamento.”

Tudo aquilo continuava a parecer irreal. Um deles aproximou-se e estendeu-lhe uma mão enluvada.

“--- Observamos os terráqueos há muitos anos. Sabemos que é usual este tipo de saudação. Vem. Temos muito para te dizer, mas é preciso estar preparado.”

Fizeram-lhe sinal para que se sentasse. Então pode vê-los. Pareciam todos eles vestidos de uma espécie de fatos de treino creme com um símbolo que não reconheceu no meio do peito. Os fatos eram muito justos e tapavam mesmo a cabeça, deixando apenas de fora os olhos.

Um deles sentou-se junto dele, colocou a mão sobre a mesa. Nesse momento iluminou-se um écran na parede e começaram a passar imagens a uma velocidade vertiginosa.

“--- Não te preocupes ! Tudo o que passar ali vai ficar na tua cabeça. Um dia irás perceber.”

As imagens continuavam a passar. Era estonteante. Começou a sentir sinais de enjoo. Tudo à volta pareceu esmorecer. Perdeu os sentidos.

Quando deu por si estava deitado numa pequena mesa. Perto dele o estranho ser observava o evoluir do seu estado.

“--- Perdão. Foi escolhido entre centenas porque nos pareceu estar preparado. Afinal a sua mente não comporta ainda tanta informação. Vamos ter que esperar mais umas semanas. Vamos parar por aqui, hoje. Voltaremos ao contacto exactamente daqui a duas semanas.”

Levantou-se e fez um sinal de cortesia convidando-o a passar à primeira sala onde estivera. De novo ficou só durante um bom bocado. De repente voltou a abrir-se a porta por onde entrara. Desceu a rampa metálica. Olhou para cima. O objecto pareceu vibrar um pouco, emitindo um ligeiro silvo. O grande tripé encolheu lentamente mas o disco ficou imóvel, pairando. Depois de repente elevou-se no céu nebulado. Rapidamente desapareceu por entre uma nuvem. Tudo voltou ao silêncio. Tudo voltou `a escuridão.

Encaminhou-se para a sua viatura, que permanecia estacionada no mesmo sítio onde a deixara. Tudo funcionava em condições perfeitas. Arrancou velozmente e dirigiu-se para casa de Sónia.

Tinha de contar... tinha de desabafar com ela. Compartilhar com ela aquela experiência. Olhou o relógio. Marcava nove e meia. Rumou a S. João do Estoril. Não estava longe. Estacionou à porta dela. Olhou a janela que dava para o quarto. Estranhou não ver luz. Deu a volta ao prédio. A porta da varanda da sala também não deixava antever qualquer luz. Teria saído?!!! Mas ela esperava- -o para o jantar conforme tinham combinado. Voltou à porta e tocou a campainha. Insistiu um pouco. Após a terceira insistência acendeu-se a luz do quarto. A janela abriu-se levemente.

“--- Que queres ?!!!”

Que queres?!!! !!! Essa agora !

“--- Cheguei!”

“--- Deves estar a brincar comigo se pensas vir jantar às duas da manhã.”

Ficou perplexo. Duas da manhã?!!! Voltou a olhar o seu relógio de pulso. Marcava nove e meia da noite. Ainda?!!! Então percebeu. O aparelho estava parado. Mas então ... Quanto tempo estivera na nave? Olhava para a

silhueta de Sónia, entrecortada na janela. Nem conseguia articular palavra. Ela estranhou.

“--- Estás bem?”

Não. Não estava nada bem. A cabeça parecia rebentar.

“--- Sobe. Vou abrir.”

Continuou ali até ouvir o clique do fecho da porta de entrada do edifício. Depois, como robot subiu os escadões do hall e entrou no elevador. Quando abriu a porta, dois andares acima, Sónia estava já à porta.

“--- Que aconteceu ?!”

Só depois de entrar e pesadamente se sentar no sofá da sala, é que a olhou de frente. Durante cerca de duas horas contou tudo o que se lembrava. Tentou não esquecer nenhum pormenor. Ela permaneceu em silêncio, ouviu atentamente, de uma forma quase ausente.

“--- Bem. Não estás à espera que após ter esperado mais de três horas por ti, de te ter ligado nem sei quantas vezes para o telemóvel, depois de ter tentado hospitais e delegações de policia ... não estás à espera que eu engula essa história inverosímil, apesar de contada com um dramatismo excelente, pois não?”

Era a noite de ficar de boca aberta. Tanto que esperava pelo momento de estar com Sónia e contar-lhe tudo, e agora que tivera essa oportunidade ela respondia-lhe assim, tão friamente.

Levantou-se e saiu sem dizer palavra. Agarrou no carro e vagueou sem rumo. O seu pensamento parecia agora vazio, sem se conseguir concentrar em coisa alguma. Por isso nem deu por o automóvel parar. Só despertou quando avistou um clarão azul atrás de si. Era o carro da Brigada de Trânsito. Só então reparou que estava parado em pleno meio da estrada. Colocou o motor a trabalhar e desviou a viatura para a berma. Um agente aproximou-se da janela dele. 6

“--- Então sente-se bem?”

Olhou o policia com um olhar meio vidrado.

“--- Nem por isso senhor guarda. Nem por isso.”

Os agentes viram os documentos, verificaram o veículo. Por fim pediram-lhe que fizesse o teste de medição da taxa alcoólica . Tudo negativo. Pois se ele nem tinha sequer jantado, quanto mais bebido. Mas era verdade que não estava bem. Por fim deixaram-no prosseguir sob promessa em compromisso de honra que dali iria direitinho para casa. Assim mesmo fez. Deitou-se em cima da cama sem se despir e adormeceu logo de seguida. Mas o sono não foi pacífico. Teve sonhos esquisitos, não muito definidos. De manhã a cabeça pesava, o corpo doía-lhe, e sentia-se como se tivesse gripe. Telefonou para o emprego avisando que estava doente e foi visitar o médico. O doutor receitou-lhe um analgésico e um

antibiótico mas achou-o um pouco estranho. Tentou saber o que acontecera. Depois de alguma hesitação, aceitou em contar-lhe, embora sem todos os pormenores. Ao regressar a casa, passou por uma farmácia e foi meter-se na cama, desta vez envergando um pijama.

Foi difícil adormecer. Na sua cabeça havia imagens soltas, umas bem nítidas, outras difusas. O cansaço acabara por vencer.

Acordou com um insistente som de campainha de telefone nos seus ouvidos. Era Sónia. Olhou o despertador. Eram sete da tarde. Dormira cerca de sete horas de seguida. Sentia-se bem melhor. Ela convidava-o para sair depois do jantar. Ainda se sentia fraco. Declinou o convite. Mais tarde, eram já quase nove horas da noite tocaram a campainha da porta. Pensou que fosse a namorada. Foi abrir ainda em pijama. Deparou com dois indivíduos que não conhecia mas que se apresentaram com um cartão de qualquer coisa estatal. Na sua surpresa nem fixou a entidade.

“--- Podemos falar consigo?”

Franqueou-lhes a porta. Pediu algum tempo para se vestir, e também para organizar as ideias. Depois foi ter com eles à sala.

Eles sabiam da sua história. Não quiseram divulgar a sua fonte, no entanto, quando começaram as perguntas ele percebeu que sabiam muito pouco, e portanto só poderia ser o doutor, já que fora muito mais minucioso com Sónia.

Voltou a contar tudo desde o princípio. Pareceu interessar-lhes muito a promessa de contacto para dali a duas semanas. Um deles puxou mesmo de um calendário e viu que a data caía no dia oito de Janeiro. Sentiu que começava uma contagem decrescente.

A noite desse dia foi longa. Como tinha dormido toda a tarde, o sono não abundava. No entanto deitou-se sobre a cama, não acendeu a televisão e apagou mesmo a luz. No entanto na sua mente havia muita luz. As imagens que tanto o massacravam começavam a tomar forma. Nelas apareciam os seres que haviam ‘falado’ com ele. Eram passagens históricas, situadas em diversas épocas de tempos passados. A cena mais concreta parecia um menino a falar com eles. Não era um menino normal. Parecia apresentar algum atraso de desenvolvimento. Depois era como se o filme fosse avançando no tempo. O menino foi crescendo, crescendo. Na idade adulta ele reconheceu-o . Era Einstein. Mexia e remexia numas folhas cheias de cálculos e formulas, que percebeu iria dar à Teoria de Relatividade. Era o episódio mais nítido que conseguia identificar. Apareciam também imagens soltas sobre o que parecia ser a superfície de um estranho planeta. Mais tarde reconheceu ser Marte. Depois a imagem focava um dos seus dois satélites e foi-se aproximando de um deles, cada vez mais perto, cada vez mais perto... até que penetrou no seu interior aparecendo toda uma

civilização, onde reconheceu alguns veículos parecidos com aquele que tinha visitado.

Na semana seguinte voltou ao trabalho. Ainda se sentia fraco, mas não era do estilo de ficar em casa. Estava farto. Os colegas fizeram-lhe uma grande festa. Estranhou. Quando chegou à sua secretária percebeu. Na sua frente as páginas centrais de um jornal com a sua história, só que revista e aumentada, quase dando um filme de terror. Falava-se mesmo de rapto. No fim lia-se o pomposo título : “Eles voltarão!” Ali já havia mãozinha da Sónia.

Entretanto entre eles as coisas tinham acalmado. Ela já não punha em causa a veracidade da sua história, no entanto preferia ignorá-la. De certo modo, sentia-a incomodada quando caminhando pela rua lado a lado era abordado pelas pessoas que o reconheciam.

O Natal passou-se de uma forma um pouco insípida, sem muito entusiasmo, mas ele também nunca sentira muito calor nesta data que sempre considerara melancólica. Pernoitou em casa dela e as coisas estiveram um pouco melhor. Mas a noite foi entrecortada pelas imagens, e por sobressaltos contínuos. Sónia não achou muita graça.

No ultimo dia do ano foi intimado a comparecer na central da Policia Judiciária em Lisboa, alegadamente para esclarecer assuntos “ do seu interesse pessoal”. Ele já sabia qual era o tema.

Chegou cedo, bem antes da hora marcada. Passou pela segurança, após identificação, mandaram-no entrar para uma sala. Teria que esperar.

A sala até que não era desconfortável. Aquecimento, uns sofás de pele, televisão ... enfim ...

Alguns minutos depois a porta abriu-se e entraram dois indivíduos, com ar de donos da casa.

Levantou-se educadamente mas eles pediram-lhe que se sentasse.

--- Esteja à vontade.

O outro foi direito ao assunto.

--- Sabemos que terá um novo encontro dia 8 de Janeiro. Queremos prepará-lo.

--- Preparar-me como?!!!

--- Temos ordens superiores para lhe colocar microfones e sensores, para que possamos registar esse encontro. Temos também uma lista de perguntas que queremos que você faça a esses seres. Claro que contamos com a sua colaboração.

Não gostou de nada daquilo. Então agora virara espião?! E que ganharia ele com essa performance?

--- E se não me agradar a ideia?

Eles fizeram silêncio. Não esperavam por certo aquela reacção. Olharam um para o outro e depois para ele.

--- Está em causa o interesse nacional. Não me parece que tenha grandes alternativas.

--- Essa agora! --- começava a irritar-se --- Então se eu não quiser colaborar? ... Sou obrigado ?!

--- Temo que sim.

--- Ok! Se é assim... seja ... que querem de mim?

--- Depois a seu tempo será contactado e dar-lhe-emos todas informações que precisar.

Quem não gostou mesmo nada da história foi Sónia. Naquela tarde ela estava de folga e foram lanchar á esplanada do costume. Contou-lhe a sua visita à Judiciária. Ficou furiosa.

--- Mas que coisa quando é que te irão deixar em paz ... ? ... Estou a ficar farta de tudo isto.

E lá veio nova discussão. Nem valia a pena argumentar que não fizera nada para que tudo tivesse acontecido assim. No inicio daquele julgamento já era culpado logo à partida.

A passagem de ano foi morna. Já tinham combinado com uns amigos, colegas de trabalho dela e dele fazer o reveillon num bar acolhedor de que ambos gostavam muito. Mas ele esteve quase sempre com um ar ausente, e ela também não estava numa das suas noites. Os amigos bem puxaram por eles mão sem efeitos práticos.

No bater do último minuto do ano passou em revista tudo o que acontecera nos trezentos e qualquer coisa dias que passaram. Que ano! Sempre tivera azar a anos impares e este veio de novo confirmar essa tendência. A sua vida era uma complicação, sentimentalmente era o que se via, profissionalmente era uma monotonia, depois o resto era ainda mais complicado. No entanto começava a germinar na sua mente uma ideia.

Tal como prometeram, os senhores do governo apareceram logo após o feriado e as pontes. A ideia era então colocarem microfones por debaixo da sua roupa e receberem em directo tudo o que iria acontecer. A pouco mais do que uma centena de metros do local, eles estariam emboscados captando tudo e tentando depois um contacto mais directo e oficial.

Mas ele sabia que não iria ser só assim. A data aparecera já em diversos jornais e no dia 8 haveria uma enorme multidão esperando. Não sabia ainda muito bem como mas teria de arranjar uma maneira de vencer aquele problema. Tinham-lhe pedido para logo após descer da nave me retirar o mais rapidamente do local. Isso deixava antever os planos que tinham.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

